

# NOVA ÁGUIA

Revista de Cultura para o Século XXI

Nº 20 — 2º SEMESTRE 2017

ENSAIO & POESIA | TEMAS & AUTORES

## A JOSÉ RODRIGUES, AQUELE ABRAÇO

com contributos de Ramalho Eanes,  
Guilherme d'Oliveira Martins e  
Luandino Vieira, entre muitos outros

**RAUL BRANDÃO**

nos 150 anos do seu nascimento

**D. FRANCISCO MANUEL DE MELO**

nos 350 anos do seu falecimento

com inéditos de

**AGOSTINHO DA SILVA**

**ANTÓNIO TELMO**

**DELFIN SANTOS**

Zéfiro  


TÍTULO  
Nova Águia – Nº 20 – 2º Semestre 2017

AUTORES  
Vários Autores

DIRECTOR  
Renato Epifânio

VICE-DIRECTORES  
António José Borges, Haylane Rodrigues, José Almeida, Luís Lóia,  
Luís de Barreiros Tavares, Luísa Janeirinho e Maria Luísa Francisco

ILUSTRAÇÕES (INTERIOR)  
Dêlio Vargas, José Rodrigues, Avelino Leite, Emerenciano, Filomena Vasconcelos,  
Francisco Laranjo, Isabel Saraiva, Mário Bismarck, Paulo Gaspar e Sousa Pereira

CAPA  
Foto do Arquivo da Fundação Escultor José Rodrigues

EDITORES  
Alexandre Gabriel & Sofia Vaz Ribeiro

1ª Edição: Outubro de 2017  
ISSN: 1647-2802  
DEPÓSITO LEGAL: 276 328/08  
IMPRESSÃO: DPS

© 2017, Nova Águia & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda.  
Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal  
EMAIL: zefiro@zefiro.pt

WWW.ZEFIRO.PT



símbolos, em que figuram elementos evanescentes, instáveis e efémeros, ondeantes e fugidios. Nos textos supramencionados, figura a imagem do *pó*, do *vento* e da *chama*. E, em outro soneto moral, o poeta dá voz à *vida* e ao *tempo* que, personificados, estabelecem um diálogo:

*Vida Quem chama dentro em mi? Tempo O Tempo ouzado.*  
*V. Entraste sem licença? T. Tenboa há muito.*  
*V. Que me queres? T. Que me ouças. V. Já te escuto.*  
*T. Prometes de me crer? V. Falla avizado.*

*T. Errada via? V. Também tu vas errado.*  
*T. Essa é condição minha? V. Esse he meu fruso.*  
*T. Es molher descuidada? V. Es velho astuto.*  
*T. Erro sem dano meu? V. Assaz tens dado*

*T. Ay, Vida, como passas? V. Perseguida.*  
*T. De quem? V. De si? T. O Tempo o gosto nega.*  
*V. O Tempo he ar? T. A vida he passatempo.*

*V. Tu já nem Tempo es? T. Nem tu es já Vida.*  
*V. Vai para louco? T. Vaise para cega.*  
*Vêdes, como se vão a Vida, e Tempo?*  
(Idem, 16-17)

Na busca de efeitos expressivos, originais e surpreendentes a linguagem engenhosa – com malabarismos verbais e vocabulares – é um instrumento privilegiado da lírica barroca e, no caso do soneto acima representado, as personificações de efeito metafórico da chave de ouro são concetistas, mas elucidativas: o tempo é *louco* e a vida é *cega*. Resta a morte como expresso supremo da efemeridade.

A morte é, na verdade, um tema maior nos poetas barrocos, tendo por vezes uma presença obsessiva e quase teatral, como pode ler-se nas quadras do soneto “Apólogo da morte”:

*Vi eu hum dia a Morte andar folgando*  
*Por hum campo de vivos, que a não vião.*  
*Os velhos, sem saber o que fazião,*

Em D. Francisco Manuel de Melo, o motivo da morte é na verdade relevante e reiterado, designadamente, num soneto moral que é marcado estilisticamente pela plurimemoração (v.1) e pela bitememoração (vv.3 e 4). A partição pela cesura (vírgula) da cadeia sintagmática em dois ou mais segmentos é uma estratégia do engenho barroco que reforça a ideia e a pompa discursiva, pois a quadra, do ponto de vista da significação, não é mais do que uma perífrase:

*Cova profunda, triste, horrenda, escura,*  
*Funesta alcoba, de morada fria,*  
*Confuzza solidão, só companhia,*  
*Cujo nome melhor he Sepultura* (Idem, 22).

Não raras vezes, a visão pessimista da existência é resultado da consciência do *mundus senescens* e do *perpetuus mundus* – um mundo às avessas, desordenado, criado pelo próprio homem:

*Quando vejo, Senhor, que as almarias*  
*Da Terra, da agua, do Ar, Petze, Ave, Bruuo,*  
*Não lhe esquece já mats o alto estatuo*  
*Das Leys, que lhes puzestes ordinarias:*

*E logo vejo, quamas artes varias*  
*O Homem racional, provido, e assuuo,*  
*Poem em obrar tngnato, e resoluuo,*  
*Obras, que a vossas leys são tão conuarias*  
(Idem, 27-28).

Nas quadras deste soneto, D. Francisco Manuel de Melo põe em vantagem a atitude do animal, em detrimento da atitude do homem. Muito próximo do pensamento da atualidade, o seu discurso pode ser visto como um apelo a uma conversão ecológica que, no sentido último, é também uma recusa do caos social e um olhar atento à natureza, casa-comum de humanos e dos não-humanos.

Enfim, passados 350 anos da sua morte, o que dizer de D. Francisco Manuel de Melo? Que a única “constância da sua obra é a solidez do seu génio”<sup>92</sup> e que seria muito mais fácil de tratar, se ele não fosse tão grande!

## A JOSÉ RODRIGUES, AQUELE ABRAÇO

TEXTOS E TESTEMUNHOS | Ronaldo Gomes (p. 8), A. Andrade (p. 9), Alberto A. Abreu (p. 9), Alberto Tapala (p. 10), António Oliveira (p. 11), Castro Mendes (p. 12), Diogo Azevedo (p. 13), Dió Borris (p. 20), Emerenciano (p. 22), Francisco Laranjo (p. 23), Gaspar Martins Pereira (p. 24), Guilherme d’Oliveira Martins (p. 25), Henrique Silva (p. 26), Isabel Pereira Leite (p. 27), Isabel Pires de Lima (p. 29), Isabel Ponce de Leão (p. 34), Isabel Saraiva (p. 36), Jorge Vieira da Cunha (p. 37), José Adriano Fernandes (p. 38), José Gomes Fernandes (p. 38), José Manuel Cordeiro (p. 39), João Cortes (p. 41), João Rolão (p. 42), Luísa Lóia (p. 42), Luís Braga da Cruz (p. 43), Maria Celeste Matias (p. 44), Maria Luísa Mátos (p. 46), Mónica Balcázar (p. 48), Nazzarete Miranda (p. 48), Nuno Higião (p. 49), Roberto Merino Mercade (p. 50), Ruben Marks (p. 52) e Salsinha Trigo (p. 53).

ILUSTRAÇÕES DE: Artur Moreira (p. 9), António Leite (p. 12), Emerenciano (p. 23), Francisco Laranjo (p. 23), Filomena Vasconcelos (p. 28), Isabel Saraiva (p. 36), Mário Bismarck (p. 39), Luísa Lóia (pp. 42-43), Paulo Gaspar (p. 48) e Sousa Pereira (p. 60).

## NOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE RAUL BRANDÃO

EM TORNO DO TEATRO DE RAUL BRANDÃO | António Braz Teixeira ..... 62  
APONTAMENTOS SOBRE *HÚMUS* DE RAUL BRANDÃO | Luís de Barreiros Tavares ..... 66  
A COISA NA OBRA DE RAUL BRANDÃO | Rodrigo Sobral Cunha ..... 72

## NOS 350 ANOS DO FALECIMENTO DE FRANCISCO MANUEL DE MELO

FRANCISCO MANUEL DE MELO:  
O HOMEM E A OBRA NO CONTEXTO DO BARROCO | Maria Luísa de Castro Soares ..... 84  
FRANCISCO MANUEL DE MELO, MORALISTA | Ana Paula Banza ..... 91  
FRANCISCO MANUEL DE MELO, MORALISTA | António Braz Teixeira ..... 99  
FRANCISCO MANUEL DE MELO: CONHECER, SENTIR E «ESCREVIVER» | Deana Barroga ..... 103  
A METAFÍSICA DA SAUDADE DE FRANCISCO MANUEL DE MELO | Manuel Cândido Pinheiro ..... 108  
AS EXPLORAÇÕES CABALÍSTICAS DE FRANCISCO MANUEL DE MELO | Manuel Carado ..... 112  
*A PINTURA DO PENSAMENTO*:  
ALEGORIA DA HISTÓRIA EM FRANCISCO MANUEL DE MELO | Maria Teresa Anacle ..... 127

## OUTRAS EVO(C)AÇÕES

ANGELO ALVES | J. Pinharanda Gomes ..... 136  
ANTÓNIO PALM | José Maurício de Carvalho ..... 143  
AZEREDO PERDIGÃO | Adriano Moreira ..... 144  
CORRÉA DE BARROS | José Almeida ..... 150  
EÇA DE QUEIRÓS | José Louça-Cortão ..... 151  
EDUARDO PONDAL | Maria Devesa ..... 153  
EUGÉNIO TAVARES | Elvira Manuel Cortes ..... 158  
GUERRA JUNQUEIRO | Delmar Domingos de Carvalho ..... 165  
JOÃO FERREIRA | Renato Epifânio e Luís Lóia ..... 167  
MANUEL ANTÓNIO PINA | José Acácio Castro ..... 169  
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO | Fernando Enes e J. Pinharanda Gomes ..... 174  
MATEUS DE ANDRADE | José Luís Brandão da Luz ..... 181  
PINHARANDA GOMES | Elvira Gata ..... 190  
TORGA E RUBEN A. | Paulo Oleiro ..... 192  
VIEIRA | Eduardo Lourenço ..... 196

## FRANCISCO MANUEL DE MELO E ANTÓNIO VIEIRA

Ana Paula Banza

### 1. MELO E VIEIRA: ASPECTOS BIOGRÁFICOS

D. Francisco Manuel de Melo e o Padre António Vieira são consensualmente considerados “os dois maiores vultos das letras portuguesas do século XVII” (Pires 2008: 133) e duas das mais proeminentes e polémicas figuras da época da Restauração. Por outro lado, é bem conhecida a circunstância biográfica do seu nascimento no mesmo ano de 1608, na mesma cidade de Lisboa. A toponímia lisboeta, aliás, por acaso ou ironia, parece lembrar esse facto pela atribuição dos nomes destas duas grandes figuras da literatura e da cultura portuguesas do séc. XVII a duas discretas ruas paralelas em pleno coração da cidade, junto ao Parque Eduardo Sétimo. Na verdade, esta curiosidade toponímica representa, de algum modo, a relação entre estas indiscutivelmente grandes personalidades que, partilhando muitas outras circunstâncias e características das suas vidas além do local e data de nascimento, percorreram lado a lado uma grande parte do séc. XVII (Vieira quase todo o século, até 1697, Melo apenas até ao ano fatídico de 1666) sem aparentemente se cruzarem e parecendo ignorar-se mutuamente: facto que pode parecer curioso e mesmo estranho, atendendo a que ambos partilharam, como referimos, o mesmo tempo e, em grande parte, os mesmos espaços, bem como, ainda que de forma bastante inconsistente, a notoriedade social e literária. A leitura de Prestage e de Lúcio de Azevedo, os grandes biógrafos de Melo e de Vieira

Embora tenham nascido no mesmo ano e na mesma cidade, Melo, oriundo da mais fina aristocracia peninsular, ligado pelo sangue a ambas as casas reais e à Casa de Bragança, permanece em Lisboa, onde se forma, como moço fidalgo da primeira ordem de nobreza, na corte e, depois, no colégio jesuíta de S. Antão, seguindo, como esperado, uma carreira militar e dividindo-se entre as cortes portuguesa e espanhola. Dos episódios mais marcantes da sua vida militar, dará, mais tarde, notícia em várias *Epanáforas*: a *Epanáfora náutica* (onde relata o naufrágio da armada comandada por D. Manuel de Meneses em S. Jean-de-Luz, em 1627), a *Epanáfora política* (onde relata as circunstâncias da sua intervenção nos motins de Évora, em 1637) e a *Epanáfora bélica*, onde descreve as operações de alistamento de tropas portuguesas para a Guerra dos Trinta Anos, que dirigiu, em 1639). A revolta da Catalunha, em 1640, em que interveio na qualidade de primeiro-ajudante do Marquês de los Vélez, será descrita na *Historia de los Movimientos, Separación y Guerra de Cataluña en tiempo de Felipe IV* (1645). Entretanto, sob a influência do clima intelectual e literário da então fulgurante corte madrilena, “publica os seus primeiros versos líricos à moda gongórica e, como muitos outros, escreve comédias, novelas, e provavelmente sátiras, de que se perderam os textos” (Saraiva e Lopes 1982: 482).

Vieira, de origens modestas e genealogia duvidosa, parte para o Brasil com apenas 6 anos, em